

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

ERALDO SANTANA DE SOUZA

Mestrando do curso de Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ess.eraldo@gmail.com;

PAULO CÉSAR GEGLIO

Doutor pelo curso de Educação, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, pcgeglio48@gmail.com.

RESUMO

Considerada uma linguagem universal, a música se faz presente em nossa vida desde o nascimento, proporcionando prazer e satisfação. Abrindo caminho para o despertar da criatividade, a música pode facilitar a aprendizagem. Aliado a isso, ela também promove a socialização, pelo fato de ser uma arte. Com essa perspectiva, apresentamos nosso trabalho cujo objetivo foi analisar a contribuição da música para o ensino de biologia, por meio da percepção dos professores de uma escola estadual do município de Areia, na Paraíba. Para isso realizamos a aplicação de questionários e escalas de Likert para 4 professores. Os resultados mostram que a música é significativa no contexto de ensino, no que diz respeito à aprendizagem, e torna a aula mais lúdica, dinâmica, além de ajudar na apreensão de conceitos científicos, considerados de difícil memorização. Os resultados também evidenciam que existem muitas formas de utilizar música para ensinar o conteúdo, no entanto, o ponto mais citado e que mais chamou atenção entre os docentes foi a produção de paródias. Constatamos que os professores abordados possuem uma percepção positiva quanto à música como recurso pedagógico, e todos concordaram que a aula se torna melhor e mais atrativa quando se utiliza música.

Palavras-chave: Ludicidade, Processo ensino-aprendizagem, Recurso pedagógico, Metodologias inovadoras, Paródias.

INTRODUÇÃO

O presente artigo¹ apresenta um recorte de pesquisa de conclusão de curso de graduação em Ciências Biológicas.

A relevância² da música em minha vida se deu desde muito antes de começar a presente pesquisa. Da mesma forma, o “ser professor” chamou minha atenção há muito tempo. Tanto a música como o ensino são áreas que possuem suas peculiaridades e foi exatamente o interesse por ambas as áreas que me fez vislumbrar uma ligação entre elas. A vivência que tenho com a música antecede até mesmo a época do ensino médio e coincide com o momento do ensino fundamental. A música está presente em meu cotidiano desde a formação na educação básica. Sou músico-guitarrista profissional há quatorze anos e a música contribui para minha formação acadêmica e docente, além de se constituir fonte de renda.

No início da minha vida acadêmica não acreditava que a música poderia ser uma aliada para as atividades de ensino, a não ser que optasse por cursar licenciatura em música, pelo contrário, acreditava que as duas áreas poderiam, em algum momento, entrar em conflito e que a música não poderia ser utilizada como um recurso nas práticas de ensino e aprendizagem.

Podemos arriscar dizer que é bastante raro encontrar uma pessoa no mundo que não aprecie algum som, seja da natureza, como o canto de um pássaro, ou do ser humano, como uma canção qualquer (FERREIRA, 2012, p. 9). A partir dessa constatação, percebemos o valor que o som pode alcançar quando desejamos por meio dele exprimir algo para outrem. É por meio do som da voz, por exemplo, que a maioria dos professores comunica e ensina. Quando ouvimos pela segunda ou terceira vez uma música, que tocou em algum momento especial de nossa vida, seja em um momento bom ou ruim, lembramos imediatamente da ocasião apenas por ouvir o som, a melodia, a harmonia ou a letra daquela canção. Esse mecanismo pode se repetir em sala de aula, ou seja, a música, pode se constituir em uma aliada em potencial da aprendizagem.

- 1 Pesquisa de conclusão de curso realizada em 2018 no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do prof. Dr. Wilson José Félix Xavier.
- 2 No segundo e terceiro parágrafos iniciais, divergindo dos demais, optei pela narrativa na primeira pessoa do singular. Tal escolha se deu uma vez que resumo, por meio de uma breve narrativa, minha experiência particular com a música.

A música, definida de maneira ampla, é o ordenamento do som. O ruído de rádio emite sons, mas não de uma forma ordenada, logo, não é classificado como música. Dentre suas principais características, está que ela é uma linguagem universal; com ela nos expressamos de forma que uma pessoa falante de um idioma consegue entender outra que fala um idioma diferente, mesmo não compreendendo a letra que está sendo cantada, pois, a música é constituída por outros elementos além da letra. “A organização desses sons se perpetua em uma linguagem universal, trazendo uma ideia muitas vezes de tempos imemoriais, em que o domínio da escrita não era tão corriqueiro” [...] (SILVA, 2017, p. 13). A harmonia, a melodia e o ritmo são outros elementos que a compõem. A sociedade em que vivemos é, indubitavelmente plural, assim convivemos diariamente com diversas formas de cultura, de pessoas, crenças e também com uma pluralidade cognitiva. Essa pluralidade revela as variadas formas de aprender. Então, é probo e pertinente que professores – nesse caso de biologia e de ciências naturais - incluam nas suas aulas diferentes recursos pedagógicos, no intuito de alcançar de forma mais ampla e variada os diferentes alunos.

No decorrer dos anos a procura por novas metodologias de ensino tem motivado educadores e pesquisadores da educação a buscarem novos caminhos e metodologias inovadoras. Para Brighenti, Biavatti e Souza (2015 p. 283), os desafios encontrados pelos docentes durante a carreira e a presença das tecnologias no mundo contemporâneo exigem dos professores novos métodos e meios de ensino. As preocupações com os métodos de ensino já estavam presentes desde a chegada dos Jesuítas em 1549 e constavam nos documentos produzidos pela Companhia de Jesus. “A Companhia em 1551 já havia redigido o primeiro plano de estudos, mas somente em 1599 tornou-se mais precisa a nova versão, apresentando sugestões a partir dos resultados” (LACANALLO, *et al.*, s/d, p. 3).

A prática de associar conhecimento à música vem se mostrando presente desde muito tempo. “Muitos filósofos do passado viam a música e a ciência como profundamente ligadas e inseparáveis e viam o mundo com um senso de unidade que se perdeu em nossa era da especialização” (GEORGE L. ROGERS, 2016, p.41).

No Brasil a aprovação da Lei nº 11.769 de 2008 estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. A lei trata da educação musical. Devemos ressaltar que educação musical é diferente de uso da música para a aprendizagem de outros saberes. Ainda assim, a utilização da música com esse fim pode abrir caminho para a interdisciplinaridade,

além de ser uma atividade lúdica. Silva (2017, p. 24) partilha do nosso entendimento ao afirmar que “[...] a música, em seu cerne, tem a essência da interdisciplinaridade: ela está presente nas mais diversas situações de nossa vivência, a todo momento”.

Considerando a facilidade com que a música é aceita, assimilada e difundida entre os adolescentes e jovens, buscamos analisar se a música, que é uma forma de arte que está presente no cotidiano dos estudantes, é percebida pelos professores como um recurso que auxilia na aprendizagem. Assim, a pesquisa ora apresentada concentra-se em investigar a percepção de professores sobre a contribuição da música para o ensino dos conteúdos de ciências naturais (ou de biologia).

Nesse sentido, apesar de estudos a respeito da inserção da música no ensino foram e continuam sendo feitos (a exemplo do presente estudo), cremos que, nenhum estudo se esgota, nenhuma discussão é fechada. Em dias contemporâneos, educadores vêm sendo desafiados a buscar metodologias mais eficazes de ensino, diversificar e facilitar a aprendizagem com a verificação e utilização de recursos alternativos. Muitos docentes concordam que a utilização de recursos inovadores e metodologias diversificadas podem contribuir significativamente com o aprendizado, porém, ainda percebemos resistência por parte de alguns educadores.

Diante do exposto, o estudo sobre a percepção de professores a respeito da utilização da música no ensino de biologia se faz necessário, legítimo e a contribuição da academia para a melhoria da qualidade desse ensino é recomendável. A escola é defendida como um local de socialização que deve incluir todas as formas de cultura, no intuito de criar um ambiente onde todos possam ser assegurados de manifestar suas ideias e ideais. A cultura, por sua vez, é um elemento que nutre todo o processo educacional. A música, por ser uma dimensão da nossa experiência humana e um elemento solene da cultura, deve fazer parte da escola. O corpo docente escolar, portanto, seria beneficiado com estudantes mais interessados, participativos e mais inseridos no processo de ensino; já os estudantes seriam contemplados com uma aprendizagem mais espontânea, leve e divertida de conteúdos que, muitas vezes, são considerados por eles como chatos ou pouco atrativos. Conforme afirma Ferreira (2012, p. 13), “Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo”. Tal processo de aproveitamento da música como recurso pedagógico para o ensino de outros saberes pode ter impacto em toda escola, o que, conseqüentemente,

impactaria grande parte da sociedade no sentido de motivação e leveza de aprendizados. “A música é parte integrante do cotidiano da humanidade. Ela, além de movimentar o corpo e acionar as ideias, é plena de imagens e símbolos que podemos extrair e proporcionar discussões educativas para aprendizagem” (SILVA, 2017 p. 19).

Em suma, trazer elementos musicais para o ensino pode implicar mudanças em variados segmentos da sociedade e, lançar mão de pesquisas nesse sentido pode aprimorar o entendimento sobre como utilizá-la de maneira mais adequada dentro da sala de aula.

METODOLOGIA

Tipo da pesquisa

Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo caracteriza-se por pesquisa de campo. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, em que, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “[...] o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”. Essa abordagem tem foco no caráter subjetivo do objeto analisado, o que permite que seja estudado determinadas particularidades ou experiências individuais.

Local e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual de ensino fundamental e médio, localizada na zona urbana do município de Areia – PB. Por questões éticas, a instituição não terá seu nome divulgado. A coleta de dados foi realizada com 04 (quatro) professores, 02 (dois) ensinam biologia no ensino médio e 02 (dois) ensinam ciências no ensino fundamental na escola estadual local da pesquisa.

Instrumentos de coleta de dados

Para coleta de dados utilizamos o questionário semiestruturado e a escala de Likert, ambos foram aplicados simultaneamente aos docentes em junho de 2018. O questionário se caracteriza como um instrumento ou programa de coleta de dados que consiste numa série ordenada de perguntas

que devem ser respondidas pelo informante (respondente) (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 108). Tal questionário é composto de 09 (nove) questões; sendo 03 (três) fechadas ou objetivas, 01 (uma) aberta ou subjetiva e 05 (cinco) mistas.

De acordo com Backes, Colomé, Erdmann e Lunardi (2011, p. 438) o campo da pesquisa qualitativa possui diversas possibilidades metodológicas e isso permite um processo dinâmico de utilização de novos procedimentos de coleta e análise de dados. Diante disso, um outro procedimento de coleta de dados adotado neste trabalho, conforme dito anteriormente, foi a escala de Likert. Criada em 1932 pelo norte-americano Rensis Likert, ela consiste em um tipo de escala de resposta psicométrica que mede as atitudes e o grau de conformidade do respondente com uma questão ou afirmação. Esse tipo de escala de atitude, junto com a escala de Thurstone, se destacam em pesquisas científicas. “A escala de Likert é constituída por cinco itens que variam da total discordância até a total concordância sobre determinada afirmação” (BERMUDES *et al.*, 2016, p.7).

Por questões metodológicas, decidimos entrar em contato com os professores por intermédio de e-mails e redes sociais, e nesses termos, redigimos formalmente um texto, que posteriormente foi encaminhado aos educadores, que concordaram em contribuir com a pesquisa. Dessa forma, o questionário e escala de Likert foram confeccionados e enviados por e-mail, para que os professores respondessem e enviassem de volta. Todos os educadores se mostraram bastante receptivos e demonstraram, como foi pedido, comprometimento e fidedignidade em suas respostas.

Análise e apresentação dos dados

A apresentação dos dados obtidos após a análise está demonstrada no trabalho por meio das respostas dos professores no questionário de sondagem, sendo estas representadas na forma de citações, para listar a correlação das respostas obtidas. As respostas obtidas por meio da escala tipo Likert, foram apresentadas com gráficos.

Por razões metodológicas e de espaço, ponderamos por representar neste trabalho as questões de maior importância e relevância, capturadas com o questionário e com a escala de Likert. Por questões éticas, os sujeitos da pesquisa não tiveram seus nomes divulgados. Nesse caso, achamos necessário criar uma modalidade para representar suas respostas. Desse modo cada professor foi definido por “P”, seguido de uma numeração, nesse

caso, de 01 a 04. Então, identificamos cada professor como P1, P2, P3 e P4, onde os docentes P1 e P4 ensinam biologia na escola local da pesquisa e os docentes P2 e P3 ensinam ciências. Tal procedimento se fez necessário para melhor registrar as respostas, visto que a questão mista pede que cada professor faça comentário, assim como na escala de Likert, na qual as respostas - que são apresentadas por um nível de concordância, discordância ou indiferença - necessitam ser sistematizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação do questionário e escala de Likert aos 04 (quatro) professores, realizamos a triangulação dos dados coletados, convertendo em informações as questões consideradas mais relevantes. Inicialmente, nos dispomos a analisar as respostas obtidas nos questionários e, posteriormente, analisamos as escalas de Likert. Dessa forma, ponderamos por dividir o capítulo de análise dos resultados em dois subtópicos: no primeiro, tratamos de questões que envolvam aprendizagem utilizando música e questões acerca das diferentes formas de utilização da música em sala de aula, ambas com base nas respostas obtidas nos questionários; no segundo subtópico, discutimos questões sobre percepção e valores dos docentes acerca da música como um instrumento de ensino, com base no nível de concordância ou discordância obtidas com as respostas nas escalas de Likert.

A questão da aprendizagem e formas de utilização da música em sala de aula

Uma das questões, trata sobre a importância da utilização da música como um recurso pedagógico no ambiente escolar, onde o objetivo da questão era compreender se o docente considera importante sua utilização. Diante de tal questionamento, todos os quatro professores (100%) responderam que sim; consideram importante a utilização da música como um recurso pedagógico no ambiente escolar. Apresentamos a seguir as respostas dos docentes.

Além de tornar a aula mais lúdica e divertida para o aluno ainda ajuda na memorização dos conhecimentos, principalmente em biologia, disciplina em que há termos considerados de difícil memorização, a exemplo da nicotinamida adenina dinucleotídeo (P1).

Porque se torna uma aula dinâmica, saindo da rotina e os alunos gostam, principalmente quando se seleciona músicas com um ritmo que eles gostam, que estão adequadas à idade deles. Se torna aulas inesquecíveis (P2).

Além de ser um recurso didático-pedagógico acessível, por ser de baixo custo, a música desperta a criatividade dos alunos e oportuniza relações interdisciplinares de maneira lúdica, além de romper as barreiras da educação tradicional, se aproxima das atividades culturais, que também se constituem indispensáveis para o aprendizado do educando (P3).

O docente P4, afirma que a música permite um ensino prazeroso, o que irá desencadear mais resultados positivos e conteúdos assimilados. Através das respostas, é possível constatar que 02 (dois) dos(as) professores(as) deram destaque para o poder de ludicidade que a música detém. Autores como Jagher e Shimin (2015, p. s/p) acrescentam que “A música constitui um elemento fundamental para desenvolver as capacidades de expressão e comunicação, de imaginação criativa e atividade lúdica, favorecendo o sentido de participação e a integração dos sujeitos”.

Além da ludicidade, o docente P1 acrescenta ainda a capacidade da música de ajudar na apreensão de termos biológicos considerados de difícil memorização. Reconhecemos que a música cantada, nesse caso, seria uma boa estratégia, para a qual o termo químico-biológico, exemplificado na resposta pela docente supracitada, seria memorizado juntamente com a canção.

A docente P2 atribui mérito à música, utilizada no intuito de ensinar, ao afirmar que aulas com música podem se tornar inesquecíveis, caso a canção utilizada se adeque à idade e gosto rítmico dos alunos. O docente P3 reconhece a acessibilidade da música enquanto recurso didático-pedagógico, contribuindo para despertar a criatividade, oportunizando relações interdisciplinares, rompendo as barreiras da educação tradicional e que sintetiza uma aproximação da escola com as atividades culturais. “Dessa forma, cabe afirmar que a música é algo presente entre nós, em nossa convivência servindo como expressão, é por meio dela que o sujeito exprime sua criatividade, imaginação, dons ou aptidões” (SILVA; PEREIRA; MELO, 2015, p.3). Oliveira, Rocha e Francisco (s/d. p.1) acrescentam ainda que “A música como recurso didático pedagógico é uma linguagem alternativa moderna e lúdica para o ensino de Ciências e Biologia entre tantas outras”.

Foi possível também abordar no questionário se os docentes utilizam música em suas aulas (quesito 4). Todos os docentes (100%) afirmaram que utilizam ou já utilizaram músicas como recurso pedagógico em sala de aula.

O docente identificado por P1, afirmou que utiliza ou já utilizou música em sala de aula através de paródias. Da mesma forma, o docente identificado por P2 também afirma que já fez uso de música em sala “com produção de paródias, cordel e interpretação da letra da música com conteúdo biológico” (P2).

Percebemos assim que, enveredando pelo mesmo caminho do docente P1, o docente P2 também utiliza paródias em suas aulas. Não obstante, ele vai além, e usa literatura de cordel e/ou interpretação de letras de cunho biológico. Tais respostas, onde os docentes citam a literatura de cordel sendo utilizada em sala de aula, elucidam a importância da cultura regional para o tema, onde remonta a formação da poesia nordestina.

Nesse sentido, aproveitando da diversificação de temas que são tratados nos folhetos, o cordel pode ser uma opção de auxílio em sala de aula, assim como a música. Vendo por esse prisma, ao invés de utilizarmos apenas um recurso, poderíamos também mesclar a utilização de música e cordel, e esse pode ser um tema abordado em estudos futuros.

Além de também citar a análise de letras, o docente identificado como P3 contextualiza sua resposta acerca de como utiliza ou utilizou música em sala e, novamente, a produção de paródias aparece na resposta, que segue.

Músicas que se relacionavam com determinado conteúdo. Através da análise da letra da música, identificar os conceitos científicos que se pretendia abordar. Também na construção de paródias, levando em consideração os conceitos estudados (P3).

O docente P4, da mesma forma dos demais, afirma ter utilizado música através de “conceitos cantados como paródias”. Constatamos que as paródias se configuram como uma ferramenta artístico-pedagógica popular entre os educadores; o qual abarcou, nesse quesito especificamente, um índice percentual de 100% de recorrência, sendo citada inúmeras vezes nessa e em outras questões, ao longo do questionário. Assim, é probo notar que o uso de paródias foi o ponto que mais culminou entre as respostas.

A paródia surge como uma ferramenta para complementar as aulas de forma que a torne mais dinâmica, e que consequentemente irá despertar o interesse dos alunos como também facilitar a assimilação dos conteúdos trabalhados, pois o lúdico proporciona prazer, fazendo surgir a memorização em longo prazo, sendo de grande importância no processo ensino aprendizagem (SILVA; PEREIRA; MELO, 2015, p.2).

Desde o nascimento somos envolvidos pela música. O canto de ninar cantado pela mãe embala a criança, o qual mesmo sem a criança compreender a linguagem da música, acredita-se que esta possa fazer com que a criança escute e inclua em seu mecanismo de comunicação/aprendizagem. “No contexto educacional a música é uma habilidade a ser trabalhada e explorada pelos alunos” (SILVA; PEREIRA; MELO, 2015, p. 4). Então as paródias surgem como uma alternativa aparentemente fácil para auxiliar no ensino de conteúdo científico. Assim, percebemos uma grande aceitação por parte dos professores abordados com relação à paródia e que esse tipo de recurso musical é o mais utilizado. O local no qual os professores sujeitos da pesquisa lecionam já foi ambiente onde estudamos e desenvolvemos projetos de ensino da licenciatura, e desse modo, temos um certo conhecimento da metodologia de ensino da maior parte dos professores abordados. Com base nisso, acreditamos que a paródia é a estratégia mais utilizada pelo fato da acessibilidade com que ela se encontra. Nesse caso em específico, não há composição autoral de paródias por parte dos alunos na maioria dos casos. O que existe é a utilização de paródias prontas sobre dado assunto, que são buscadas na internet, o que pode facilitar de certo modo sua utilização, visto que a livre composição demanda mais tempo, energia e exige mais criatividade por parte dos alunos. Tal conclusão é baseada em experiências passadas com paródias, que tivemos enquanto alunos da escola local de nossa pesquisa na disciplina de história.

A questão seguinte (quesito 5), trata sobre a capacidade da música enquanto recurso pedagógico de tornar a aula mais significativa. Diante da presente questão, todos os docentes (100%) concordaram que as aulas se tornam mais significativas com música. As respostas são apresentadas a seguir.

A integralização entre música e conteúdo produz bons resultados na maior parte da turma. Só os que já são naturalmente desinteressados (que hoje são parcela significativa das salas de aula) que permanecem no desinteresse (P1).

Não dá para trabalhar todos os conteúdos com música, mas com certeza alguns deles se tornam bem significativos e mais interessante quando envolve a música (P2).

A sala se torna um ambiente mais prazeroso e de maior interação entre os indivíduos, tornando-os mais participativos. Fugindo da educação tradicional que utiliza o livro como principal recurso (P3).

O docente P4, afirmou que “pode-se trazer o gosto pelo conteúdo através de um gosto musical (questionário respondido em junho de 2018). Seguindo parte da percepção do docente, Silva (2017, p.36) confirma que toda a tradição escolar contribui para que o aluno tenha uma atitude de passividade e desinteresse, principalmente, porque a escola não tem necessariamente acompanhado a evolução que a circunda. De maneira geral, nitidamente notamos a importância que os educadores abordados concebem à música se utilizada corretamente em sala, não com fins de entretenimento, mas com fins educativos.

Notamos, ainda, que o docente P2 exprime boa percepção, afirmando que não dá para trabalhar todos os conteúdos com música. É importante salientar aqui que nem toda música possui teor educativo, e algumas são concebidas exclusivamente para entreter, se abstendo de trazer qualquer mensagem mais relevante e trabalhada. Assim como o docente P2, também entendemos que não dá para utilizar música em todos os conteúdos, mas que um saber escolar aliado à uma boa canção pode contribuir significativamente para o entendimento, produzindo sujeitos sãos e críticos. Mesmo com alguns docentes exprimindo relativamente boas percepções acerca da significatividade didático-pedagógica da música, compreendemos que é necessária uma formação específica, inicial ou continuada, a fim de capacitar o educador que deseja trabalhar com música, pois, como a música é a mais popular de todas as artes, muitas vezes também entendemos erroneamente que não precisamos de formação para sua utilização, e é justamente disso que trata a questão seguinte.

O quesito permite compreender se a formação inicial ou continuada do professor(a) preparou os educadores para incluir música como um recurso didático-pedagógico nas aulas de biologia ou ciências (quesito 7). Todos os docentes (100%) afirmaram não ter recebido, em sua formação inicial ou continuada, preparação para incluir música como auxílio didático nas aulas de biologia ou ciências. Nota-se uma formação deficiente, no que concerne à preparação para inclusão de manifestações artísticas na educação ou de metodologias contemporâneas. “Como se não bastasse, a dificuldade de modificar o tradicional, muitas vezes os professores não conseguem participar de cursos de formação continuada, que possivelmente aborde essa modalidade, fazendo com que eles também enfrentem problemas nessa empreitada” (SILVA, 2017, p.59).

Dessa forma, notamos que todos os docentes abordados, mesmo sem formação, utilizam ou já utilizaram desse recurso em suas aulas em algum

momento. Isso implica dizer que – e somos passíveis a reconhecer nesta pesquisa – que todos os docentes pesquisados, reconhecem a importância da música utilizada no contexto educacional. Assim, devemos reconhecer a riqueza pedagógica que a música – de maneira geral – carrega consigo. E talvez, um dos fatores que explicam os docentes pesquisados reconhecerem o valor da música e utilizá-la, pode estar relacionado ao fato deles verem outros colegas trabalhando com esse instrumento, visto que 100% alegam utilizar.

Visto as deficiências de formação docente supracitadas na discussão anterior, tentamos através da questão subsequente, compreender se, mesmo sem formação alguma para trabalhar com música, eles conseguiriam citar alguma maneira de utilizá-la para ensinar o conteúdo em sala (questão 6). Diante do exposto, todos os professores (100%) responderam que sim. Comentando sobre como utilizaria, o docente P1 citou as paródias (P1, questionário respondido em junho de 2018). O docente P2 também cita as paródias em sua resposta, aliado à sua livre composição e outros contextos:

No planejamento pode-se selecionar os conteúdos que serão possíveis trabalhar envolvendo a música e pensar como fazer. Através do estudo da letra da música que tenha um conteúdo biológico afim, através de paródias, composição pelos próprios alunos... a produção de cordel também é muito interessante e muito aceita pelos alunos. Na minha experiência profissional o que eles mais gostam são as paródias (P2).

O docente P3 cita que uma boa maneira de utilizar música em sala seria ao “Utilizar a letra da música para identificar os conceitos científicos, de acordo com o conteúdo abordado” (P3, questionário respondido em junho de 2018). Caminhando por essa mesma vereda, Oliveira, Rocha e Francisco (s/d) afirmam que:

A música pode ser utilizada como recurso pedagógico em várias disciplinas. Muitos conceitos biológicos são apresentados nas letras de música, em diferentes estilos musicais. Partindo deste pressuposto, podemos considerar a música como um recurso didático-pedagógico, que auxilia a popularização da ciência, principalmente nas aulas de Ciências e Biologia (OLIVEIRA; ROCHA; FRANCISCO, s/d, p.3).

Da mesma forma dos docentes P1 e P2, o docente P4 também cita as paródias, afirmando que trabalharia “Induzindo os alunos para que preparem

uma paródia de um dado conteúdo através de seu próprio gosto musical (P4, questionário respondido em junho de 2018). A música, como sabemos, consegue despertar diferentes habilidades no aluno, além, de permitir a expressão de sentimentos, criatividade, ideias, valores culturais, além de ser um recurso facilitador da aprendizagem (SILVA, 2017, p.33).

Seguindo com a discussão, buscamos agora compreender quais são os fatores que podem dificultar a utilização da música em sala de aula, na percepção de cada docente (quesito 9). As respostas são exibidas a seguir.

Em minha opinião, o que dificulta a utilização – não apenas da música, mas também de outras metodologias inovadoras – é o alto nível de desinteresse por parte dos alunos. Há outro fator a ser considerado: muitos alunos ainda têm aquele pensamento tradicional de que a aula é quadro-professor-caderno e quando tentamos fazer uma aula diferente, ouvimos: “quando a aula vai começar?” (P1).

Não vejo grandes dificuldades. O fator tempo acho que é o que mais dificulta. Mas quando o professor sabe tocar algum instrumento musical como o violão facilita bastante. Hoje em dia tá bem mais fácil com o avanço da tecnologia, temos bastante meios de reproduzir as músicas, como os celulares, caixinhas de som portátil, a internet na escola, tudo isso facilita. (P2).

Acredito que a falta de co-relação da música selecionada como o conteúdo abordado, podendo não se alcançar o que se pretende, então o professor deve estar atento a esse ponto. A falta de uma formação mais específica para que os professores se tornem mais aptos a utilizarem essa ferramenta de forma coerente. Além da falta de vontade que, infelizmente, alguns professores apresentam, em trabalhar com soluções e ferramentas inovadoras em sala de aula. O que levaria a uma melhoria significativa no aprendizado (P3).

O docente P1, destaca que os alunos têm uma compreensão puramente tradicional de ensino e, quando o educador se dispõe a sair da zona de conforto ou passividade e procurar novas metodologias de ensino, muitas vezes recebem desaprovação por parte dos alunos, que subentendem que tudo o que for distinto de quadro-livro-professor não pode ser considerado como aula. Além disso, mais uma vez o professor chama a atenção para o desinteresse dos alunos. Tal fenômeno se constitui em um desafio para o educador, que tentará ensinar ao aluno que não está apto a receber o conhecimento. Assim, entendemos que talvez isso possa se caracterizar no maior desafio para o professor na atualidade; ensinar ao aluno que não deseja aprender.

Com uma percepção diferente, o docente P2 afirma inicialmente que não vê grandes dificuldades em utilizar música em sala, porém em seguida ressalta que o tempo pode dificultar a execução dessa metodologia, nesse caso, referindo-se ao sujeito que não possui vivência com música, pois também cita que esse problema é minimizado quando o sujeito sabe tocar um instrumento. Ainda considerando o fator tempo, nos deparamos com uma questão curricular; música é uma área de peculiar complexidade, e por isso demanda bastante tempo para ser compreendida e trabalhada, e ainda a escola, muitas vezes, é organizada de maneira que dificulta a introdução dessa cultural e atemporal riqueza.

O professor P4, citou que alguns dos fatores que podem dificultar a utilização de música em sala de aula é a “Ausência de instrumentos e/ou prática com os mesmos” (P4). Novamente, entramos na defesa de uma formação específica para se trabalhar com música, e que também a organização da escola – ou falta dela – pode dificultar sua utilização.

Por fim, em outro momento, objetivamos compreender como os docentes avaliavam seu próprio conhecimento para trabalhar com música no ensino do conteúdo científico em sala de aula (quesito 8). Diante disso, todos os educadores (100%) avaliaram seu autoconhecimento como razoável. Apesar dos professores em sua totalidade afirmarem não receber preparação para trabalharem com música em sala de aula, como vimos no quesito de número 7, eles consideram-se razoavelmente aptos para inclusão dessa arte no ensino.

Percepção e valores dos docentes

Neste subtópico discutiremos os resultados com base na escala de Likert, com o objetivo de compreender a percepção e os valores dos docentes com relação à música. Assim, apresentamos gráficos para ilustrar as respostas e facilitar a compreensão, bem como fazer comparações.

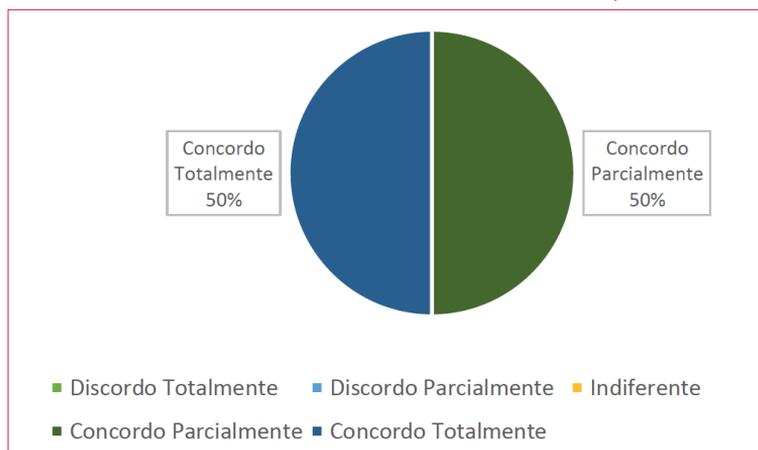
Discorrendo de maneira sucinta sobre uma questão inicial, afirmamos por meio da escala de Likert que a música pode se constituir em uma aliada em potencial da aprendizagem. Diante da afirmação obtivemos uma frequência de concordância total de 100%, isto é, todos os docentes concordaram totalmente com a afirmação. Assim é pautada nossa pesquisa, ao percebermos a riqueza pedagógica advinda da música, assim como os sujeitos da pesquisa também o reconhecem. Seguindo esse mesmo sentido, Silva (2017, p. 9) acrescenta que “A música é parte integrante do cotidiano da

humanidade. Ela, além de movimentar o corpo e acionar as ideias, é plena de imagens e símbolos que podemos extrair e proporcionar discussões educativas para aprendizagem escolar”.

Posteriormente, afirmamos que a aula com música se torna mais atrativa e agradável. Notamos, após análise das respostas que houve um percentual de 100% de concordância total no que tange à agradabilidade e atratividade da aula com música. Assim, como a música também é um agente de entretenimento, podemos aprender - ou ensinar - de um modo mais leve e agradável ao incluirmos música no planejamento. Pontualmente, alguns estudantes podem até refutar uma aula onde o professor “modernize” a sua metodologia, porém, dificilmente se sentirá incomodado se essa metodologia incluir música, pois ela faz parte do cotidiano deles.

Em outra afirmação, dizemos que a inserção de música no ensino trará um melhor desenvolvimento artístico para os alunos. De maneira geral, os professores concordam que a inserção da música no ensino fará com que arte, cultura, ensino e aprendizagem se coadunem. O gráfico 1 ilustra a percepção dos docentes.

Gráfico 1: Percentual de professores que consideram que a inserção de música no ensino trará um melhor desenvolvimento artístico para os alunos.



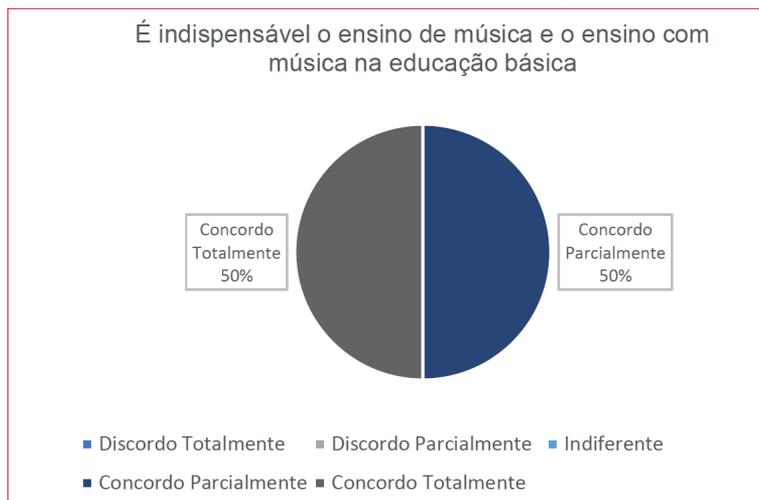
Fonte: autoria própria (2018)

É importante destacar que metade dos professores concordam, mas, parcialmente da afirmação, o que implica dizer que mesmo concordando com a questão, os docentes em questão se encontram próximos do limiar de uma indecisão, ou seja, não concordam de maneira absoluta. Isso pode

ocorrer pela falta ou pouco conhecimento com relação à música, utilizada no ensino.

Logo em seguida, tecemos uma discussão acerca da música utilizada no processo de ensino, ao afirmar que é indispensável o ensino de música e o ensino com música na educação básica. Nesse sentido, as respostas variam da concordância parcial (50%) à concordância total (50%). Isso significa que metade dos professores tem certeza absoluta acerca da afirmação e metade não detém uma certeza absoluta, o que pode acarretar mudanças de opiniões mais facilmente. As percepções/opiniões são apresentadas a seguir, no gráfico 2.

Gráfico 2: Percentual de professores que consideram indispensável o ensino de música e o ensino com música na educação básica



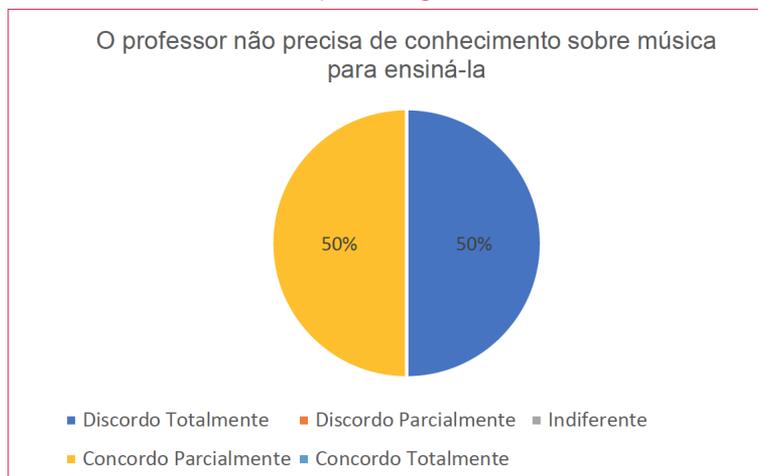
Fonte: autoria própria (2018)

É importante ressaltar que “ensino de música” é diferente de “ensino com música”. O primeiro consiste no ensino propriamente dito de música, onde os educandos estudam música especificamente através da disciplina Música. Diferentemente da primeira, o “ensino com música” consiste em ensinar determinada disciplina com auxílio de música de diversas formas, o qual já citamos algumas em nosso trabalho. Nesse segundo caso, a música deixa de ser uma disciplina e passa a ser um auxílio ou ferramenta didática, a qual é utilizada para ensinar uma outra disciplina. Ainda assim, essas duas modalidades de utilização de música ainda se encontram com certa desvalorização no país em tempos contemporâneos.

Há várias décadas, a educação musical se encontra praticamente ausente das escolas brasileiras. Sua ausência nos currículos se explica por vários fatores, entre os quais, merece destaque sua perda de identidade enquanto disciplina. Este processo tem seu ponto alto em 1971, com sua transformação num dos componentes da disciplina Educação Artística (LOUREIRO, 2010, p. 108).

Apontando para a preparação do educador para se trabalhar com música, afirmamos que o professor que utilizar música em sala de aula para ensinar o conteúdo não precisa de conhecimento prévio algum sobre tal. As respostas são exibidas no gráfico 3, que se segue.

Gráfico 3: Percentual de professores que consideram que o professor que utilizar música em sala de aula para ensinar o conteúdo não precisa de conhecimento prévio algum sobre música

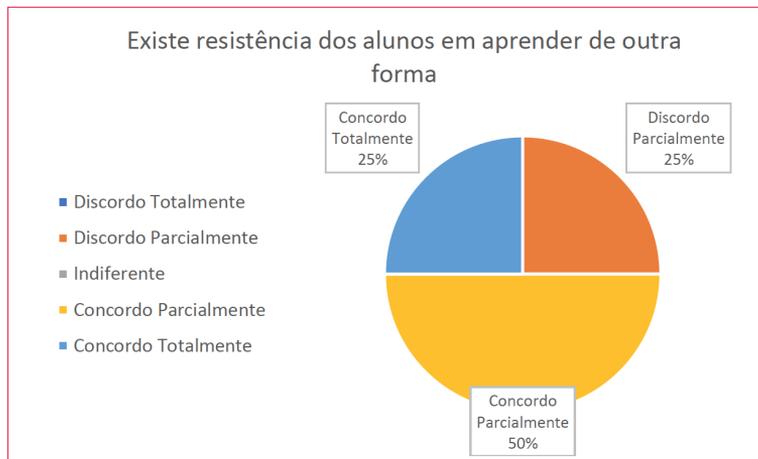


Fonte: autoria própria

Os resultados obtidos sobre o tema apontam para uma divergência parcial de percepções e/ou ponto de vista: os docentes P1 e P3 concordam parcialmente de que o professor não precisa de conhecimento prévio algum para ensinar utilizando música, já os docentes P2 e P4 discordam totalmente de tal afirmação. Desse modo, Simões (2016, p.94) segue pelo mesmo caminho e concorda com os educadores P2 e P4, ao afirmar que “As artes, assim como os outros campos do saber, têm as suas especificidades. Assim não se pode esperar que um profissional sem habilitação específica consiga desincumbir-se da função de ensinar quaisquer das artes de maneira eficaz”.

Trazemos para nossa discussão também a questão da aprendizagem tradicional e, afirmamos que existe uma resistência por parte dos alunos em aprender e estudar de uma outra forma, de maneira mais ativa, refletindo, problematizando, levantando hipóteses. As respostas foram relativamente distintas, o qual são mostradas no gráfico 4, que se segue.

Gráfico 4: Percentual de professores que consideram que existe resistência dos alunos em aprender de outra forma



Fonte: autoria própria (2018)

Como notamos, dois docentes concordam parcialmente (50%), enquanto um educador concorda totalmente (25%), enquanto um educador discorda parcialmente (25%), que exista uma resistência por parte dos alunos em aprenderem de maneira mais ativa. A docente P1, a única docente a concordar totalmente com a afirmação, é a mesma que traz uma discussão deveras relevante em discussões anteriores deste trabalho. Nesses termos, achamos sua opinião/percepção pertinente, e trazemos para a discussão, que se segue.

[...] Há outro fator a ser considerado: muitos alunos ainda têm aquele pensamento tradicional de que a aula é quadro-professor-caderno e quando tentamos fazer uma aula diferente, ouvimos: “quando a aula vai começar? (P1).

O discurso da docente nos chama a atenção por nos alertar que tal problema não é individual, mas sim, coletivo. Isso nos faz reforçar a premissa de que educação não se faz de forma individual, isolada, educação é edificada em conjunto e com isso, todos os atores escolares se beneficiarão

diretamente de boas ou más ações aplicada ao contexto de ensino. Assim vemos que, hora o professor se sente desmotivado, hora se encontra conformado com sua metodologia, muitas vezes arcaica, hora são os alunos que não desejam aprender de outra maneira que não seja a tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à contribuição da música para a aprendizagem, verificamos que a música é percebida como sendo significativa no contexto educacional, na percepção dos professores, ao passo que todos (100%) utilizam música nas aulas, mesmo que pontualmente ou frequentemente, e, isso demonstra que eles acham importante sua utilização. Todos consideram que aula com música torna a aula mais significativa (100%), e consideram que a música pode se caracterizar como um agente estimulador da aprendizagem em sala de aula (100%).

Ao longo do estudo, certificamos que a música carrega consigo muitas possibilidades de utilização em sala, seja no uso ou composição de paródias – forma de utilização citada inúmeras vezes pelos educadores abordados – seja na análise de letras de cunho científico que muitas canções trazem, no intuito de apreender conceitos científicos considerados de difícil “memorização” que são trazidos nas letras, seja uso de literatura de cordel juntamente com música ou seja utilizando a criatividade para dar asas à inovação, vendo e fazendo perceber as aulas de Ciências e Biologia a partir de outro prisma, mais lúdico e prazeroso.

Caminhamos, assim, para modificar o paradigma da rotina, do ensino tradicional. No entanto, não defendemos aqui um ensino excludente de nenhuma forma, excluindo-se o tradicional e olhando somente para o moderno. Contudo, a sociedade está em constante dinâmica de desenvolvimentos tecnológico, social, cultural, artístico e educacional. Portanto, a escola precisa acompanhar esse ritmo frenético da contemporaneidade, para que, num futuro próximo, não venha tornar-se obsoleta.

Também observamos que os docentes não tiveram capacitação ou uma formação específica para trabalharem com música em sala. Dessa forma, constatamos que os professores abordados possuem uma percepção ainda pouco apurada quanto à música como recurso didático-pedagógico, ao passo que, todos concordam que a aula tem um salto significativo de qualidade quando se tem a utilização de música de maneira adequada, porém alguns professores tem uma percepção de que o educador não precisa de

conhecimento específico sobre música para ensiná-la, e também, nem todos concordam totalmente que a inserção trará um melhor desenvolvimento para os alunos, alguns concordam apenas parcialmente.

Em suma, constatamos a predominância de uma percepção puramente positiva por parte dos educadores pesquisados.

Longe de caráter conclusivo ou definitivo, este trabalho pode dar abertura para outros trabalhos e pesquisas nessa área, visto o vasto repertório que temos nas mãos se soubermos trabalhar corretamente com música.

REFERÊNCIAS

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R.H.; LUNARDI, V. L. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** O mundo da saúde, São Paulo: 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2018.

BERMUDES, W. L.; SANTANA, B. T.; BRAGA, J. H. O.; SOUZA, P. H. **Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações.** VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v.18, n.2, p. 7-20, maio/ago. 2016, Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1809-2667.v18n216-01/5242>>. Acesso em 26 de junho de 2018.

BRIGHENTI, J; BIAVATI, V, T; SOUZA, T, R. **Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos.** Revista GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 281-304, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2015v8n3p281/30483>

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula.** 8. ed. São Paulo: contexto, 2012.

JAGHER, S.; SHIMIN, E. S. **A música como recurso pedagógico no ensino de biologia.** Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) SEED/PR 2014/2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_bio_artigo_salete_jagher.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2018.

LACANALO, L, F; SILVA, S, S, C; OLIVEIRA, D, E, M, B; GASPARIN, J, L; TERUYA, T, K. **Métodos de ensino e de aprendizagem: uma análise histórica e educacional do trabalho didático.** S/d. Doutorandas em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – PR. Doutores em Educação – Docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá -Pr.

OLIVEIRA, A. D.; ROCHA, D. C.; FRANCISCO, A. C. A ciência cantada: um meio de popularização da ciência e um recurso de aprendizagem no processo educacional. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 1., Belo Horizonte, 2008. Anais. Belo Horizonte: Cefet-MG, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/biologia_artigos/musica_ciencias.pdf>. acesso em 02 de julho de 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROGERS, G. L. **The Music of the Spheres: Cross-Curricular Perspectives on Music and Science.** Revista Music Educators Journal. National Association for Music Education: 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0027432116654547>. Acesso em julho de 2020.

SILVA, L. C. T. **Música:** Um suporte didático no ensino de Língua Portuguesa. 2017. 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Educação). Olford Walters College and University. Pilões. 2017.

SILVA, E, S; PEREIRA, I, B; MELO, S, M, F. **O uso da música no ensino de biologia: experiências com paródias.** Congresso inovação tecnológica de Arapiraca, 2015.

SIMÕES, S. N. A importância da educação musical em antigas civilizações e no Brasil com a aprovação da Lei n°. 11.769/2008. **Revista Espaço Acadêmico** – n° 184 – setembro, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/30118/17235.pdf>> Acesso em 01 de julho de 2018.